

ARTIGOS

AS ORIGENS DA MEDICINA. A MEDICINA NO ANTIGO EGITO (*).

INTRODUÇÃO GERAL.

A Humanidade, desde os tempos pré-históricos, vinha se preocupando, e muito, com o problema de como enfrentar a morte, derrotar a doença e conseguir evitar que esta se implantasse no organismo humano.

A doença era considerada como um sinal da cólera divina, e por isso, somente com o beneplácito das divindades, das forças da natureza, com o auxílio da magia, conseguia o homem deter o castigo. Como complementação, como feitiço propiciatório utilizava-se de produtos de origem mineral, animal ou vegetal — que a observação e o empirismo tinham indicado — para aumentar a eficácia da sua luta pela sobrevivência. Daí acreditarmos que inicialmente a religião e a medicina se irmanavam; e esse caráter sagrado, ou pelo menos mágico da arte de curar, perdurou por muito tempo, chegando mesmo aos nossos dias entre as populações semi-civilizadas ou selvagens ainda existentes em muitos rincões do globo terrestre.

O exercício da medicina foi quase que um privilégio do sacerdote na Antigüidade e sempre esteve ligado à magia e às superstições: e o homem, um animal por excelência curioso, procurava investigar as origens das doenças, na sua ânsia de sobrevivência. Nestas condições, pouco a pouco, foi acumulando conhecimentos adquiridos empiricamente. Assim nasceu a medicina.

*

* * *

I. — A medicina na pré-história.

O estudo das sepulturas dos homens pré-históricos nos revela coisas bem interessantes, pois não somente possuímos al-

(*) . — Aula inaugural de abertura dos cursos da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, proferida no seu Salão Nobre em 26-IV-1962. Reproduzida, sem suas linhas gerais, no Rotary Clube de Varzinha (Estado de Minas Gerais) em 18 de junho de 1962. Posteriormente, esta palestra foi redigida, ampliada e enriquecida com notas bibliográficas, textos e ilustrações e transformada em artigo (Nota da Redação).

guns ossos fossilizados dos nossos antepassados, como essas ossadas mostram sinais evidentes das doenças que os afligiam, assim como os tratamentos com que procuraram debelá-las.

Infelizmente, possuímos apenas informações das enfermidades que atacaram o tecido ósseo, ignorando completamente as demais doenças que atingiam o corpo humano. Notamos também que nas sepulturas os esqueletos de jovens e os adultos são muito mais numerosos do que os velhos, coisa aliás bem compreensível, pois a média da vida humana então devia ser muito baixa.

Sabemos que o homem pré-histórico, — pelo menos desde o Neolítico — foi atingido pela tuberculose na sua forma óssea. Houve casos também de artritismo e reumatismo que deixaram lesões bem pronunciadas.

Uma questão muito debatida e que até hoje não foi ainda completamente resolvida é a seguinte: teria existido a sífilis na Pré-história? Atribuiu-se durante muito tempo o aparecimento dessa doença na Europa às viagens que os ibéricos fizeram ao Novo Mundo. Segundo alguns escritores, a sífilis remonta à Idade da Pedra (1) e essa afirmação é apoiada em lesões bem visíveis em esqueletos existentes em diversas sepulturas neolíticas. Entretanto, se essa doença existiu nessa era, ela não foi muito difundida.

Podemos ser mais positivos sobre a patologia externa das feridas e fraturas que deviam ser numerosas numa época em que a caça era uma das mais importantes fontes de alimentação. Temos muitas ossadas perfuradas por pontas de flechas de sílex. Em alguns casos a morte deve ter sido rápida, mas em outros houve cicratização e a conseqüente implantação da ponta de pedra no osso, como provam as excrescências ósseas que se solidificaram no ponto do impacto.

Os exemplos de fratura, do crânio ou dos membros, são numerosos e os sinais de reparação indicam a sobrevivência das vítimas. Ficamos mesmo surpreendidos com esses casos; a sua incidência nos leva a pensar numa prática higiênica ou quiçá num princípio de tratamento empírico das feridas. Em muitos ferimentos notamos sinais evidentes de supuração, e em seguida, um trabalho de cicatrização. Os pacientes provavelmente também que se encontram casos de ossos muito maltratados que ficar imobilizados, o que indica a existência entre os neolíticos de certos conhecimentos terapêuticos. E' ver-

(1). — Goury (Georges), *L'homme des cités lacustres*. Éditions Auguste Picard. Paris, 1932, vol. II, pág. 715.

tados, com encurtamento dos membros, sem indicação de tratamento algum.

Também no período pré-histórico verificaram-se lesões dentárias sob diversas formas, desgate, poliartrite, cárie. etc. A usura dentária já foi verificada no Paleolítico e atribui-se essa ocorrência ao fato dos nossos antepassados mastigarem acidentalmente terra com os produtos vegetais de que se serviam, apesar de que durante o período Paleolítico a carne foi por excelência o alimento preferido. O homem dessa época foi um grande caçador e somente no Neolítico é que tivemos a domesticação dos animais e o início da agricultura. Também a moagem de grãos em moinhos manuais de grês fazia com que grânulos minerais se misturassem à farinha, contribuindo assim para a usura dentária.

Verificou-se também um bom número de casos de poliartrite alvéolo-dentária, que é uma das mais antigas manifestações do reumatismo crônico. Com o decorrer dos tempos as cáries foram tornando-se cada vez mais freqüentes, com a variação dos alimentos.

*

1. — A CIRURGIA NA PRÉ-HISTÓRIA.

As excavações infelizmente nada revelaram da terapêutica usada no Neolítico. Conhecemos apenas algumas práticas cirúrgicas pelos traços deixados nos esqueletos, por exemplo, na redução das fraturas. Os doentes deviam ser tratados com cuidado, mas na maioria das vezes os pacientes eram jovens, pois a espessura dos ossos cranianos não é muito grossa.

As principais operações cirúrgicas que encontramos nos homens fósseis são as seguintes: a trepanação, a cauterização e o T sincipital.

a). — A trepanação.

A trepanação atualmente é uma das operações mais raras e somente executada em casos de fratura craniana, ou para alívio de pressão endocraniana ou para a retirada de esquirolas ósseas sobre o cérebro, coibir hemorragias cerebrais para fins diagnósticos, etc.

O interessante é que essa operação já era usada no Neolítico e com relativo sucesso, pelo menos é o que podemos verificar pelos crânios fósseis encontrados e que podem ser vistos no Museu do Homem em Paris. Esses crânios trepanados foram encontrados principalmente no vale do Petit-Morin pe-

do barão de Baye e estudados pelo Dr. Lucas Championnière (2).

No Neolítico já se praticava uma abertura bem reduzida para se tirar uma pequena rodela da superfície do crânio. E o curioso é que isso era feito com instrumentos de sílex, com os quais se rasgavam os tecidos, usando principalmente um bixel com um movimento de vai-e-vem (fig. 1). A

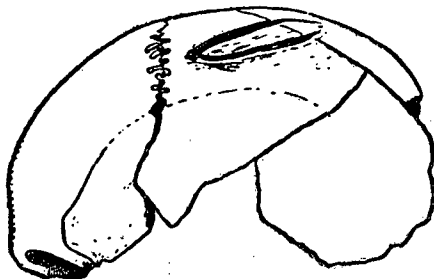


Fig. 1. — Crânio com traço de trepanação interrompido.
(Apud Goury, op. cit., pág. 726).

perfuração era feita geralmente em forma elíptica e com notável habilidade. O sucesso coroava geralmente tal operação, como se pode ver em vários crânios onde a soldagem do osso é perfeitamente visível.

Mas agora surge uma questão muito interessante: para que fim era feita essa operação? Alguns autores não encontrando nos crânios sinais de doença, opinam por uma cerimônia religiosa que conferia ao sobrevivente um caráter de grande santidade. E' possível que a trepanação no vivo tivesse sido feita para curar uma doença que não deixou vestígio, ou com mais verossimilhança para trepanar alienados ou para curar ainda a epilepsia, "a doença sagrada", ou qualquer outra endemia que tivesse por centro o cérebro. Talvez procurassem tirar o mau espírito que perturbava o paciente.

O sobrevivente, como já dissemos, era olhado com respeito, como um ser possuidor de especiais virtudes e é nêle que se praticava o segundo gênero de trepanação: a trepanação **post**

(2). — *Histoire Générale des Sciences. La Science Antique et Médiévale des origines à 1450.* Presses Universitaires de France. 1957. Tomo I, pág. 10. Daqui por diante indicada pela sigla H.G.S.

mortem, pois vários crânios apresentam sinais evidentes de uma segunda intervenção cirúrgica, mas desta vez sem sinais de cicatrização (figs. 2 e 3). As rodelas cranianas retiradas serviriam de amuletos contra as doenças mentais ou cefaléias. Quase



Fig. 2. — Crânio trepanado dum indivíduo morto logo após a operação. (Apud Goury, op. cit., pág. 728).

todos os crânios trepanados foram abertos novamente, pois o número dessas rodelas é bem grande. Encontramos também amuletos cranianos introduzidos por trepanação póstuma e ao vivo.

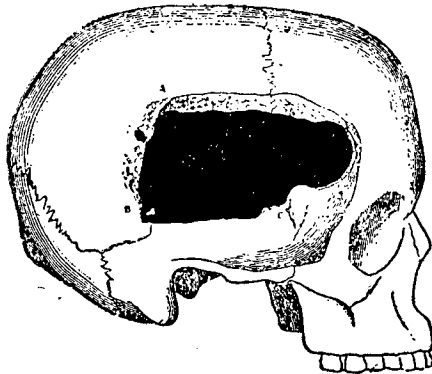


Fig. 3. — Crânio da gruta do Homem Morto tendo sofrido uma dupla operação. Os bordos AB cicatrizou durante a vida do indivíduo; o bordo ACCB, foi serrado após a morte. (Apud Goury, op. cit., pág. 729).

Esse tipo de trepanação foi comum no sul da França (3) e parece ter florescido do fim do Neolítico à época do Bronze II. Depois que a incineração dominou a inumação, não podemos mais controlar a incidência desse estranho costume ritual, não sabendo dizer se a trepanação continuou ou não a ser praticada.

Esse tipo de intervenção cirúrgica também foi utilizado no Perú e ainda recentemente um médico, utilizando-se do instrumental incaico, repetiu a operação e foi feliz na sua tentativa. Também ela é ainda praticada em nossos dias, sob forma ritual entre os cabilas (4) no Norte da África.

Devemos ainda mencionar o fato de que muitas dessas trepanações **post mortem** eram feitas para se obter uma taça. Aliás, isso já era usado no Paleolítico (5) e se prolongou até a época histórica, pois esse costume foi observado desde a Idade do Ferro até a Idade Média. Provavelmente esse tipo de taça era usado para fins mágicos (6).

b). — A cauterização craniana.

Observou-se em alguns crânios uma lesão de natureza especial: uma depressão de alguns centímetros de diâmetro e alguns milímetros de profundidade, oriunda de uma longa supuração (7) consecutiva à cauterização do couro cabeludo, com a destruição do periósteo. Esse tipo de lesão provém da aplicação muito prolongada duma **moxa** (8). Essa prática era análoga à trepanação e talvez tivesse a mesma finalidade.

(3). — Goury, *op. cit.*, II, pág. 729.

(4). — H.G.S., I, pág. 10.

(5). — Goury (Georges), *Origine et évolution de l'homme*. Paris. Auguste Picard, 1927, pág. 210.

(6). — Citamos como um exemplo célebre na época histórica desse tipo de taça o caso do imperador bizantino Nicóforo, vencido na batalha dos Desfiladeiros dos Balcãs, em 26 de julho de 811. Ele teve sua cabeça espetada numa lança durante vários dias, e depois, o khan Kroun dos búlgaros fêz do seu crânio uma taça com ornamentos de prata para beber nos dias festivos a saúde dos seus boiardos (Teófanos, 491). Apud Charles Diehl e Georges Marçais, *Le monde oriental de 395 a 1081*, tomo III da "Histoire du Moyen Âge". Presses Universitaires de France. Paris, 1936, pág. 307.

(7). — Goury, *op. cit.*, II, págs. 730-731.

(8). — Termo chinês. Trata-se dum cilindro de 0,02 m. de comprimento por 0,015 a 0,045 m. feito de algodão cardado ou de miolo de girasol seco, que se enrolava numa tira de pano. Nada sabemos sobre o material usado pelos neolíticos; talvez utilizassem uma espécie de artemísia, de raízes de junço, de plantas têxteis, um tampão de lã misturada com gordura. A moxa acesa era colocada na parte que se queria cauterizar; a queimadura, mais ou menos profunda, criava uma ferida que se cicatrizava lentamente, pois muitas vezes havia supuração. Apud Goury, *op. cit.*, II, págs. 730-731.

c). — **O T sincipital.**

Ao lado dos crânios trepanados ou cauterizados, descobriu-se outros com uma curiosa particularidade: uma cicatriz em forma de T na região do **vertex** ou **sinciput**, proveniente duma lesão sofrida durante a vida pelo couro cabeludo do paciente, sem dúvida oriunda duma cauterização. Todos os crânios com essa particularidade pertence a indivíduos jovens e em geral do sexo feminino (fig. 4), sendo comuns nos vales do Sena e do Oise (9).

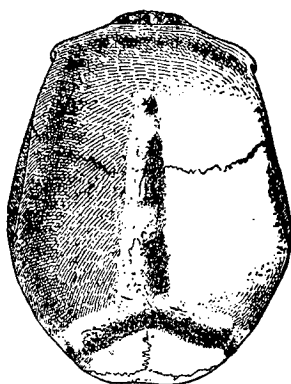


Fig. 4. — Crânio feminino com T sincipital. Allée couverte de Conflans-Sainte-Honorine. (Seine-et-Oise). (Apud Goury, op. cit., pág. 732).

Sabemos também pelos textos antigos que o excesso de humor do cérebro, transformado em **atrabilis** (**bilis** negra) produzia a melancolia e a mania; as cauterizações desse tipo seriam realizadas para curar os delírios, as convulsões e as nevralgias rebeldes da cabeça.

Há, entretanto, um pormenor curioso: é o fato de terem sido encontrados essas lesões em crânios nos dólmenes duma região circunscrita ao noroeste de Paris. Seriam oriundos dum tratamento especial inventado por um médico, notável para a época, pois utilizava êle um método que devia ser preconizado ainda durante milênios pelos grandes mestres da Idade Média, como Avicena e Albacasis. Como os crânios que apresentavam essas marcas no **sinciput** eram femininos, podemos concluir, talvez audaciosamente, que êsse tratamento era preconizado em doenças freqüentes na mulher, talvez nas convulsões histéricas (10).

(9). — Goury, op. cit., II, pág. 732.

(10). — Ibidem, II, pág. 733.

II. — A MEDICINA NO EGITO.

1. — INTRODUÇÃO.

O Egito — assim como a Mesopotâmia — foi um dos primeiros centros históricos da Humanidade e contribuiu muitíssimo para a melhoria dos conhecimentos científicos que vinham da Pré-história. Entretanto, devemos repelir a idéia de que houve sempre um progresso contínuo e acelerado nesse caminho da pesquisa e da busca da verdade.

Verificamos curiosamente que existiu uma grande onda de invenções e pesquisas no III milênio antes da nossa era, possivelmente mesmo em época anterior à dinastia tinita (c. 3000-2778 a. C.), porque os dados que possuímos sobre a medicina egípcia convergem todos para essa possibilidade. Tôda uma grande atividade mental, física e intelectual foi fomentada e desabrochou nesse período, mas após, curiosamente, por cerca de 2500 anos permaneceu mais ou menos estática (11). Mas mesmo nos piores períodos de decadência, as artes práticas, que formavam parte da vida da grande nação nilótica, sobreviveram e progrediram.

O comércio difundiu pela bacia mediterrânea e pela Ásia todos êsses conhecimentos, contribuindo extraordinariamente para o reerguimento do nível científico de outros povos, como o chinês e o indú. Mas onde a influência egípcia foi mais direta e eficaz, sem dúvida alguma, foi no mundo grego (c. 700 a. C.) onde a medicina chegou a realizações que em muitos sentidos não foram ainda ultrapassadas.

Fato provado é o de que os médicos egípcios se apegavam encarnadamente ao passado. Seria por preguiça de espírito ou por uma veneração excessiva aos seus antecessores? Êsses fatores influíram, mas parece que o problema se encontrava no medo da morte, pois se inovassem e fôssem mal sucedidos, podiam pagar com a vida a ousadia. A morte dum cliente que fôsse tratado fora dos cânones estabelecidos podia ser considerada como homicídio. Se aplicassem os velhos tratamentos e

(11). — Sherwood-Taylor (F.), *Pequena História das Ciências*. Tradução de Milton da Silva Rodrigues. Livraria Martins. São Paulo, 1941, págs. 17-18.

o paciente falecesse, era porque os deuses assim o queriam e o médico nada ficava a dever. Aliás, os médicos das peças de Molière se comportavam da mesma maneira.

Verificamos, pois, que até o fim da autonomia do Egito imperou aí a mesma medicina e a mesma cirurgia. Apesar do seu lento progresso, a arte de curar egípcia gozava de grande reputação, principalmente no mundo mediterrâneo, apesar de não ter ainda abandonado a magia e o encantamento. Os grandes discípulos dos egípcios serão os gregos que irão se abeberar nos conhecimentos nilóticos desde Hipócrates até Galeno.

As ciências naturais foram cultuadas com assuidade pelos egípcios e a prova disso está nas silhuetas dos animais, observadas e desenhadas caprichosamente e com delicadeza, em oposição aos desenhos rituais que aparecem nas paredes dos tempos.

O estudo do corpo humano deveria ter sido familiar aos egípcios em épocas bem recuadas, pois a mumificação estava seguramente em uso desde a II dinastia (12). Assim, a medicina deve ter sido uma das mais antigas profissões do Vale do Nilo. Provavelmente idéias bem nítidas sôbre a patologia do corpo humano poderiam ser hauridas da inspeção dos corpos sucumbidos às doenças. Mas quem abria os cadáveres não eram os médicos, mas sim os especialistas em embalsamamento que tiravam o cérebro, as entranhas e as depositavam em vasos especiais.

Nestas condições, a medicina teórica não parece ter realizado sérios progressos, apesar da mumificação. E' que havia uma espécie de temor religioso que não permitia aos médicos egípcios, tanto quanto aos seus colegas cristãos da Idade Média, cortar um corpo humano em pedaços, para um fim puramente científico, pois o cadáver estava destinado a ressucitar um dia. Seu horror por qualquer coisa que rompesse a integridade dos tecidos humanos era tão forte, que os embalsamadores encarregados de praticar as incisões regulamentares eram objeto de geral execração. Quando vinham desempenhar o seu triste mister eram perseguidos a pedradas e muitas vêzes tinham que fugir o mais rapidamente possível para escapar à sanha dos seus perseguidores (13).

Isso nos explica porque, apesar da grande reputação dos médicos egípcios entre os gregos, os seus livros de medicina

(12). — Moret (Alexandre), *Le Nil et la civilisation égyptienne*. La Renaissance du Livre. Paris, 1926, pág. 522.

(13). — Maspero (G.), *Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient*. Paris. Hachette, 1909, pág. 89.

que sobreviveram nos parecem bem medíocres sob o ponto de vista científico.

Como tantos outros aspectos da civilização egípcia, a medicina parece também um produto do Baixo-Egito. Fato aliás bem razoável, pois foi aí que os hamitas e os asiáticos se encontraram e produziram um alto padrão de civilização que acabou por avassalar todo o Vale do Nilo.

Os principais centros médicos foram os templos de Atum-Râ em Heliópolis, de Neith em Sais, Anubis em Letópolis e o de Bubastis (14). A ligação com Anubis, deus da mumificação sugere que a medicina e o embalsamento, apesar das restrições que já fizemos, estiveram sempre relacionadas. Ainda que os médicos providenciassem fregueses para os embalsamadores, a verdade é que a mumificação sempre foi um segredo ciosamente guardado e até mesmo da profissão médica em geral. E' difícil acreditar que um povo que praticava em tão grande escala a mumificação fôsse ignorante em anatomia. Entretanto, êsse parece ter sido o caso. E' sintomático o fato dos hieróglifos representarem as diferentes partes do corpo humano por gravuras evidentemente inspiradas na observação de corpos de animais. O respeito pelo corpo humano prescrevia qualquer desenvolvimento sistemático da arte de dissecação (15).

A nossa melhor fonte de informações sôbre os médicos egípcios está nos escritores gregos. Foram êles louvados por Homero na **Odisséia**, mas é principalmente em Heródoto que temos os mais abundantes pormenores sôbre essa profissão. E' êle, como incansável viajor que foi, quem nos diz que Ciro e Dario tinham em alta conta os seus facultativos egípcios (16). E' também êle que nos conta a especialização a que já tinham chegado os médicos egípcios:

“A medicina no Egito é partilhada, cada médico se ocupa duma única especialidade e não de muitas. Os médicos abundam em todos os lugares: uns são oculistas, outros especialistas da cabeça, outros dos dentes, outros do ventre, outros para os males internos” (17).

(14). — *Ibidem*, pág. 523; Manchip White (J. E.), *Ancient Egypt*. Londres Wingate, 1952, pág. 104.

(15). — Manchip White, *op. cit.*, pág. 104; Erman (A.) e Ranke (H.), *La civilisation égyptienne*. Tradução de Charles Mathien. Prefácio de B. Van de Walle. Payot, Paris, pág. 462.

(16). — Ménarde (René) e Sauvageot (Claude), *Institutions civiles. Guerre. Sciences*. Flammarion. Paris, pág. 333; Manchip White, *op. cit.*, pág. 104.

(17). — Heródoto, II, 84.

Diodoro da Sicília (18) não fala dessa especialização, mas entra em detalhes técnicos sobre o tratamento usual em diversas doenças:

“Para prevenir as doenças, os egípcios tratam o corpo com lavagens, dietas e vomitórios; alguns empregam êsses métodos diariamente, outros fazem uso disso de três a quatro dias. Porque, dizem êles, o excedente do alimento ingerido no corpo só serve para engendrar males e é, segundo êles, por essa razão que o tratamento, indicado tira os princípios do mal e mantém a saúde. Nas expedições militares e nas viagens, todo o mundo é cuidado gratuitamente porque os médicos são mantidos à custa da sociedade. Eles estabelecem o tratamento das doenças segundo preceitos escritos, redigidos e transmitidos por um grande número de antigos médicos célebres. Se, segundo os preceitos do livro sagrado, êles não conseguem salvar o doente, são declarados inocentes e isentos de culpa; se, ao contrário, agirem contrariamente aos preceitos escritos êles podem ser acusados e condenados à morte, tendo o legislador pensado que poucos encontrariam um método curativo melhor do que aquêle observado desde tanto tempo e estabelecido pelos melhores homens da arte”.

A lei que obrigava os médicos a seguirem a via traçada pelos seus predecessores era irracional e devia necessariamente entrar o progresso da ciência. Mas êsse respeito exagerado às tradições é perfeitamente explicado pelo fato do Egito ter sido um país onde toda a ciência se ligava à religião da qual o sacerdote era o único depositário. Como já dissemos, nas sociedades primitivas a medicina e a magia estão mais ou menos confundidas e a terapêutica indicada para a cura duma doença é quase sempre acompanhada de incantações que asseguram o sucesso do remédio.

*

2. — OS DOCUMENTOS.

Champollion e os seus discípulos só tomaram conhecimento da medicina egípcia através dos autores gregos (Teofrasto, Dioscórides, Galeno, etc.) e somente daquilo que os helenos aprenderam no próprio Vale do Nilo, principalmente na biblioteca do templo de Imhotep (Imouthes em grego), situado em Men-

(18). — I, 92. Apud H.G.S., I, 53; Ménarde e Sauvageot, *op. cit.*, págs. 333-334.

fis, que permaneceu de pé até o II século da nossa éra e onde Hipócrates esteve aprimorando os seus conhecimentos sete séculos antes de Galeno (19).

Foi somente a partir de 1875 que os egiptólogos puderam fazer uma idéia concreta do real valor da medicina egípcia, graças à publicação de mais de meia dúzia de rolos de papiros provenientes na sua maioria do Alto-Egito, onde permaneceram confinados durante séculos. Vários outros rolos foram traduzidos posteriormente, mas os mais importantes são os primeiros: o **Papiro de Ebers** (1875), o **Papiro de Kahun** (1898), o **Papiro de Berlim** (1909) e o **Papiro Smith** (1930). Esses papiros diferem entre si pelo conteúdo, método de exposição e pelo espírito que os anima, mas são representativos documentos da ciência egípcia (20). Vamos agora analisar os principais aspectos desses testemunhos.

a). — **O Papiro de Ebers.**

O **Papiro de Ebers** foi publicado pelo próprio Georg Ebers — daí o nome pelo qual é conhecido — e traduzido integralmente pela primeira vez por H. Joachim (Berlim, 1890). Esse papiro, conservado em Leipzig, pertence provavelmente à épo-

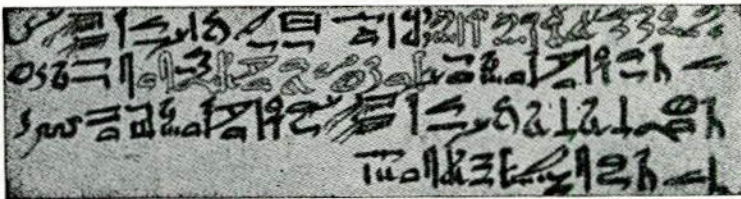


Fig. 5. — Trecho do papiro de Ebers.

ca da XVIII dinastia — talvez tenha sido escrito cêrca de 1550 a. C. — mas contém indubitavelmente partes que foram redigidas em período bem anterior. Versa sobretudo sôbre produtos fármaco-terapêuticos, mas o elemento mágico é visivelmente preponderante.

-
- (19). — Galeno, *De compos. med. sec. gen.*, I V, c. II. Apud Maspero, *op. cit.*, pág. 88; H.G.S., I, pág. 51.
(20). — H.G.S., I, pág. 51; W. Wreszinski, *Die Medizin der alten Aegypter*. 4 volumes. Apud Moret, *op. cit.*, pág. 524.
(21). — Ebers (Georg), *Papyrus Ebers, das Hermetische Buch über Arzneimittel der alten Aegypter*. Leipzig, 1875. Apud Brunet (Pierre) e Mieli (Aldo), *Histoire des sciences. Antiquité*. Payot. Paris, 1935, pág. 45.

O seu conteúdo, em comparação com o do **Papiro de Edwin Smith**, é bem fraco. E' escrito sem um sistema orgânico e revela poucas observações. Algumas drogas recomendadas podem ser eficazes, mas a maioria consiste em complicadíssimas misturas de ingredientes animais e vegetais. O uso franco do excremento devia provocar mais males do que benefícios e um cataplasma de ovo cru e tripa de ganso, com o propósito de refrescar o anus, é coisa de causar espanto. O papiro enumera, contudo, 100 ou mais doenças e mostra os médicos egípcios de posse dum grande número de produtos terapêuticos. Não devemos nos admirar de que uma porção de receitas indiquem remédios completamente inúteis, já que não conseguimos provar a eficácia das drogas indicadas, algumas vêzes por desconhecê-las completamente (22).

Damos a seguir a introdução do **Papiro Ebers** e posteriormente, nos lugares indicados, usaremos tópicos desse documento para alicerçar as nossas informações.

“Aqui começa o livro para a preparação dos remédios para todo o corpo duma pessoa. Nasci em Heliópolis com os padres de Het-Aat, senhores da proteção, reis da eternidade e da salvação. Sou originário de Sais, onde as deusas maternais me protegeram. O Senhor do Todo deu-me as palavras justas para expulsar as doenças de todos os deuses e os sofrimentos de todo o gênero dos mortais. Há uma quantidade de capitulos que falain da cabeça, do pescoço, dos braços, da carne, dos membros. Para punir os soberanos que deixam penetrar a doença na minha cabeça, nos meus braços, no meu corpo, nos meus membros, quantas vêzes Râ se apiedou e disse: eu te protejo contra os teus inimigos. Hermes é o teu guia. Ele deu-lhe a palavra; êle criou os livros; êle dá a glória àquêles que sabem e os médicos que seguem os seus conselhos para explicar aquillo que é obscuro. Aquêles que o deus ama, êle o faz viver. Sou um homem que o deus amou e êle me fêz viver, para dizer as palavras indicando a preparação dos remédios pa-Isis consinta em me curar, como curou ela Horus de todos os males que lhe foram causados pelo seu irmão Seth quando êle matou seu pai Osiris. O' Isis, tu que és a grande mágica, cure-me de tôdas as más coisas e das doenças demoníacas e mortais que se precipitam sôbre mim, como tu libertastes e curastes teu filho Horus” (23).

(22). — Sherwood-Taylor, *op. cit.*, pág. 17.

(23). — Apud Brunet e Mieli, *op. cit.*, pág. 62.

b). — **O Papiro major de Berlim.**

O Papiro **major** de Berlim (ou **Brugsh major**) está muito bem conservado. É o mais recente e data provavelmente da época de Ramsés II (1300-1234 a. C.) (XIX dinastia). Tem as mesmas características que o **Papiro de Ebers**, mas a parte mágica tem visível preponderância, maior mesmo que no papiro que examinamos anteriormente (24).

c). — **O Papiro Hearst.**

O **Papiro Hearst** (25) está conservado na Universidade da Califórnia e é da mesma época e do mesmo gênero que o **Papiro Ebers**. Aliás 2/3 do seu conteúdo coincidem com o texto deste último.

d). — **O Papiro menor de Berlim.**

O Papiro **menor**, muito curto, foi editado por A. Erman (26) e pertence a uma época intermediária entre o Médio e o Novo Império; só contém fórmulas mágicas de ordem ginecológica e pediátrica.

e). — **O Papiro Edwin Smith.**

Mas o papiro mais interessante e que realmente pode dar uma medida de capacidade médica dos egípcios é o **Papiro Edwin Smith** que, dizem, foi encontrado no mesmo local que o **Papiro Rhind**, mas decifrado muito mais tarde. Esse papiro está conservado em Nova York e foi traduzido e publicado por J.-H. Breasted (27). Consta dum rôlo de 5 metros de comprimento com 110 grandes colunas escritas.

Esse papiro pertence, como o de Rhind, ao período dos hicsos e se compõe de três partes bem distintas. As duas últimas tem um caráter mágico, mas a primeira faz um exame de corpo humano, da cabeça aos pés, indicando a maneira como os médicos dessa época cuidadosamente procediam ao exame dos seus pacientes.

Parece ser o tratado mais antigo de que temos conhecimento, pois talvez tenha sido copiado a 3600 anos atrás, mas como já dissemos, contém coisas que foram escritas provavelmente muito antes, cêrca de 3000 a 2500 a. C. Parece que tam-

(24). — Brunet e Mieli, *op. cit.*, pág. 45.

(25). — Publicado por G. A. Reisner, Leipzig, 1905. Apud Brunet e Mieli, *op. cit.*, págs. 45-46.

(26). — Erman (A.), *Zaubersprüche für Mutter und Kind*. Berlim, 1901. Apud Brunet e Mieli, *op. cit.*, pág. 46.

(27). — Dois volumes. Chicago, 1930. Apud Brunet e Mieli, *op. cit.*, pág. 46.

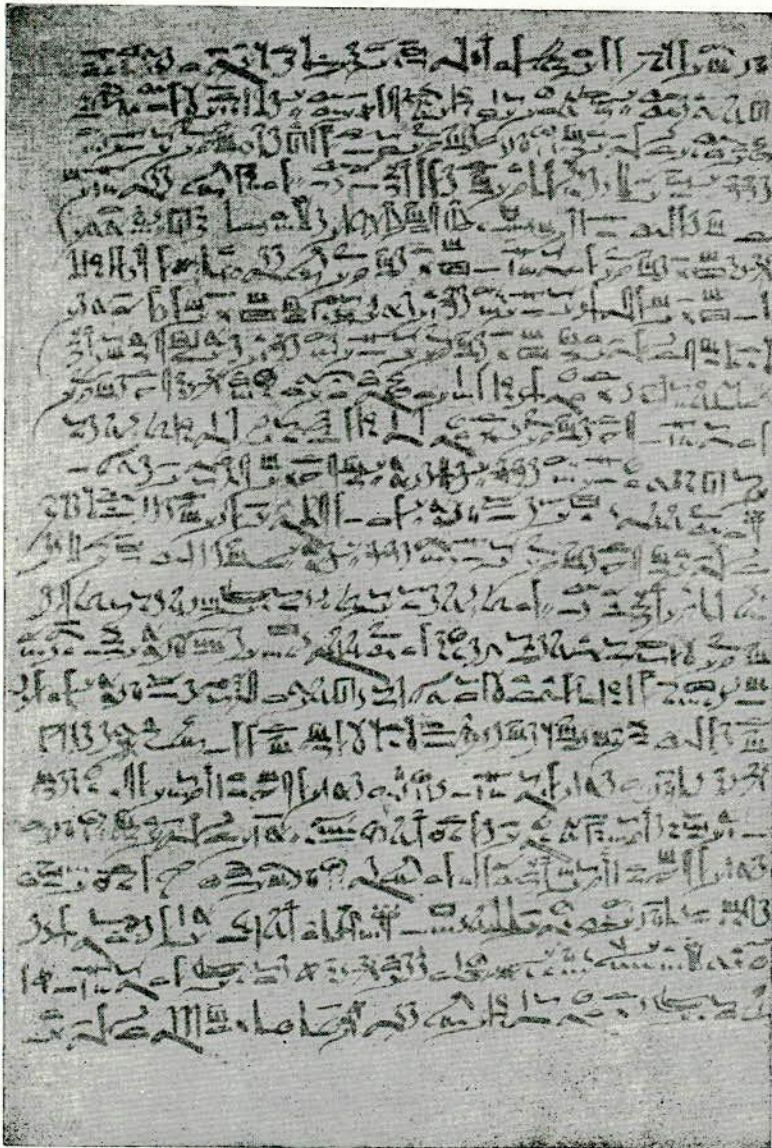


Fig. 6. — Papiro Edwin Smith. Apud Recueil d'Études Égyptologiques dédiées à la mémoire de Jean-François Champollion à l'occasion du centenaire de la Lettre à M. Dacier relatif à l'alphabet des hiéroglyphes phonétiques lue à l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, le 27 septembre 1822. Paris, 1922. Champion, págs. 392-393.

bém nessa época os médicos tinham uma posição social muito elevada, quiçá a melhor posição como letrados e o alto funcionário da côrte conhecido como “o guardião do anus” ou o “médico da barriga” era realmente um personagem muito importante.

O médico que compôs êsse repositório devia ser um indivíduo muito vivo e observador, além de perito cirurgião, daqueles que confiavam mais na sua arte do que no auxílio da magia e do encantamento.

O tratado original deveria lidar com tóda a cirurgia, dos pés à cabeça, mas infelizmente o fragmento de papiro que chegou até às nossas mãos contém apenas referências à cabeça, ao pescoço e ao peito. Conhece o autor também o tratamento das fraturas por meio de talas e a redução dos deslocamentos. Tem conhecimento também da sutura das feridas e prevê o desenvolvimento da moléstia.

Os 48 casos tratados na parte da obra cirúrgica que conservamos (10 observações para a cabeça, 4 para o nariz, 3 para os maxilares, 5 para a região temporal, 5 para a orelha, lábios, queixo, 6 para a garganta e as vértebras cervicais, 5 para a região escapular e clavicular, 9 para os seios e o torax e 1 para a espinha dorsal) são uniformemente compilados da seguinte maneira: **Título**, começando por “Prescrições para...”; **Exame**, começando por “Se tu examinares alguém tendo...” e em seguida os sintomas (mais ou menos como no título) e terminando por “então tu dirás...”; **Diagnóstico**, começando por “Alguém sofrendo de...” com a repetição mais ou menos dos sintomas já descritos; **Veredicto**, enunciado sôbre três formas: “uma doença que tratarei” (caso favorável), “uma doença que combatarei” (caso duvidoso), “uma doença que não tratarei” (desfavorável); seguem as indicações de tratamento e enfim, muitas vêzes, **notas** ou **glosas**. Estas formam um comentário posterior feito a um texto mais antigo. Aparecem também citados outros **tratados** medicinais (28).

Cada caso é tratado, pois, com uma ordem lógica e o mais interessante é que o autor observa com uma clareza, só verificada nos nossos dias, que o contrôle dos membros inferiores está localizado no cérebro, palavra que aparece pela primeira vez na literatura médica (29).

(28). — Brunet e Mieli, *op. cit.*, pág. 63; Moret, *op. cit.*, pág. 526; Erman e Ranke, *op. cit.*, págs. 471-472.

(29). — Garrison, *History of Medicine*, 55-59; Maspero, *Dawn of Civilization*, pág. 217; Breasted, *Conquest of Civilization*, pág. 88. Apud Will Durant, *História da Civilização*. 1a. parte. Nossa herança oriental. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1942. Tomo I, pág. 192.

Num único caso junta-se ao tratamento científico um encantamento. No verso do papiro, entretanto, existe escrito por outras mãos, algumas fórmulas de encantamentos. Êsses encantamentos têm um título extraordinário: “Livro que transforma um ancião num jovem de 20 anos” (30).

Seria muito interessante se o autor desse tratado fôsse o semi-lendário Imhotep (31) que parece ter sido vizir do faraó



Fig. 7. — Estátua de Imhotep. (Apud J. E. Manchip White, *Ancient Egypt*. Londres. Allan Wingate, 1952, pág. 87).

Zoser (III dinastia), para o qual teria construído a famosa pirâmide em degraus de Sakkarah, sendo também um grande conhecedor de coisas de medicina, magia e arquitetura. Devido a essas habilidades os egípcios fizeram de Imhotep um semi-deus e mais tarde o transformaram mesmo em deus: o padroeiro da arte de curar. Causa admiração terem concedido nessa época, a um indivíduo que não pertencia à “raça divina” tais honrarias (fig. 8).

(30). — Moret, *op. cit.*, pág. 526.

(31). — Imhotep (I-m-htp, em grego Imouthes), identificado pelos helenos com Asclépios. Apud Sherwood-Taylor, *op. cit.*, pág. 17.

f). — **Outros papiros.**

O sexto papiro da coleção Chester-Beatty é dedicado à proctologia e se assemelha ao **Papiro Edwin Smith** ao tentar adotar o autor uma atitude clínica (32).

Em Londres estão ainda conservados dois outros pequenos papiros, mais antigos, encontrados por Flinders Petrie e publicados por Griffith, um dêles referente à ginecologia e o outro à arte veterinária, apresentando os dois, aliás, um caráter muito mais racional que os outros citados (33). O Papiro Birch, de Londres, também pertence à XVIII ou XIX dinastia (34). O papiro veterinário, chamado de Kahun, é relativamente curto, mas duma precisão notável, além de ser muito sóbrio nos seus comentários. Os especialistas acreditam que êste último papiro seja da XII dinastia, pelo menos tem um aspecto bem antigo (35).

*

3. — O INÍCIO DA MEDICINA NO EGITO.

Os médicos egípcios consideravam as doenças internas como obra de agentes sobrenaturais — deuses, mortos, inimigos, etc. — e os seus pacientes como possessos. Daí o seu comportamento nesses casos, que se assemelhava bastante ao de um feiticeiro ou de um mágico, utilizando-se de exorcismos e encantamentos para debelar o mal cuja origem desconheciam. Nesses casos, comumente, não se usavam medicamentos, mas recitavam-se fórmulas mágicas com “voz segura e pausada”. Em alguns casos essa prática era acompanhada de uma poção, pomada, colírio, etc., mas a cura era sempre atribuída à potência das palavras mágicas. Como exemplo dêsse duplo tratamento citamos o hábito de se verter leite nas queimaduras sempre acompanhado de citações mágicas. Se o tratamento fôsse ineficaz, devia ser repetido, porque a fórmula não fôra corretamente pronunciada. Talvez com a repetição do medicamento o doente alcançasse uma melhoria.

A racionalização da medicina no Egito nunca foi completa e os médicos gostavam de sublinhar o valor celeste do remédio ministrado. Claro é que essa crença no poder da magia, cren-

(32). — Manchip White, op. cit., pág. 106.

(33). — Brunet e Mieli, op. cit., pág. 46.

(34). — *Ibidem*, pág. 46.

(35). — H. G. S., I, pág. 51.

ça que dominava tôda a vida egípcia, sempre foi um obstáculo ao progresso intelectual do Egito. Quem desejaria, com efeito, dar-se ao trabalho de atingir um fim por meios naturais, quando se estava firmemente convencido que se obteria muito maior sucesso pelas vias sobrenaturais? A medicina egípcia nos mostra inúmeros exemplos dessa nossa afirmação. Sem nos determos muito nesses exemplos, citamos a necessidade de proferir a seguinte invocação quando se retirava um curativo duma ferida:

“Libertado êle foi, libertado por Isis. Libertado foi Horus por Isis de todo o mal que lhe foi feito pelo seu irmão Seth, quando êste matou seu pai Osiris. O’ Isis, grande mágica, livrai-me, libertai-me de tôdas as coisas más, malfazejas, vermelhas, da doença de um deus e da doença duma deusa, da morte macho e da morte fêmea, do inimigo e da inimiga, que venham sôbre mim, como fôstes libertada, como fôstes libertada pelo teu filho Horus, porque eu entrei no fogo e saí da água, etc.” (36).

Quando o doente tomava um remédio era necessário recitar uma fórmula, cujo comêço é o seguinte:

“Venha remédio, venha, tu que expulsas as coisas más dêsse coração que é o meu, dêsses membros que são meus, as incantações são poderosas sôbre os remédios” (...)
(37).

As opiniões sôbre o emprêgo dessas fórmulas mágicas, na verdade, foram muito divergentes entre os médicos egípcios, pois a sua proporção varia muito nos papiros medicinais. Entretanto, certas doenças só podiam ser curadas pela magia: a picada do escorpião, por exemplo, para a qual se invocava Isis ou Thot, pois não se conhecia remédio específico contra êsse mal (38).

*

4. — OS MÉDICOS EGÍPCIOS.

O nome de médico (*sounou*: talvez “aquêle que corrige, cura”) também era usado pelos padres: aliás fato perfeitamente razoável devido o caráter religioso e mágico da profissão. Em épocas bem recuadas, encontramos médicos reais cujos che-

(36). — Apud Erman e Ranke, op. cit., pág. 459.

(37). — *Ibidem*.

(38). — H.G.S., I, pág. 51.

tes eram ao mesmo tempo altos funcionários e padres, na maioria das vezes das deusas Serget e Neith de Sais. Conhecemos, por exemplo, através de inscrições, Iri, médico e mágico, “chefe dos padres de Sekmet, chefe dos mágicos, grande médico do rei” (39). Outro famoso facultativo foi Ni-ânkh-sekhmet, médico chefe do faraó Sahu-râ (cêrca de 2550 a. C.), ao qual o monarca era devedor de sua saúde e que, para recompensá-lo pela sua dedicação, o mumificou e eregiu-lhe um belo túmulo (40).

Já no princípio do Antigo Império encontramos referência ao *wr swnw* ou “chefe doutor”. Um certo Khuy é descrito como “intérprete duma ciência difícil” e usava o título pomposo de “chefe supremo dos médicos do Alto e Baixo Egito”, o que quer dizer que fazia parte da côrte do faraó. Era “diretor dos padres da pirâmide do rei Teti” (VI dinastia), versado em ciências ocultas com tôda a evidência e ocupava um alto posto no funcionalismo (41).

Conhecemos ainda um outro médico famoso: o médico de Ekhnaton (Amenófis IV) que “saía e entrava no palácio”. Chamava-se Pentou e na sua qualidade de adepto da nova doutrina, era ao mesmo tempo: “primeiro servidor de Aton no templo de Aton”; seu túmulo ainda existe em El-Amarna (42).

Os papiros que indicamos datam do Médio Império, ou do período dos hicsos, e uma tradição piedosa os atribui a uma revelação divina. De fato, êles se iniciam assim:

“Comêço do livro de curar as doenças, encontradas em escrita antiga em um cofre, no templo de Anubis em Letópolis, no tempo do rei Usufais” (43).

Tais são os títulos do papiro de Leipzig e do papiro de Berlim. Mas ao lado dos médicos de certa categoria, encontramos simples “servos de Ka” que “operam sem dor” os jovens quando da circuncisão ritual (prática essa considerada de grande valia para a saúde pública) (44). O médico era chamado também de “chefe dos segredos” (45).

(39). — *Ibidem*, I, pág. 52; Moret, *op. cit.*, pág. 523.

(40). — Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 459.

(41). — T. Eric Peet, in *The Cambridge Ancient History*. Cambridge University Press, 1940, vol. II, pág. 199. Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 459.

(42). — Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 460.

(43). — Maneton confirma que no tempo de Usufais escreveram-se os livros de anatomia. Apud Moret, *op. cit.*, pág. 523.

(44). — Breasted, *Dawn of Conscience*, 353 n. Apud Will Durant, *op. cit.*, I, pág. 193.

(45). — O grão sacerdote de Bubastis usava o título de “grão-médico”. Apud Moret, *op. cit.*, pág. 523.

Um padre, para se dar grande valor, informa que:

“...saiu de Heliópolis com os príncipes da Casa Grande (o faraó), os senhores da Salvaguarda, os donos da Eternidade, e que saiu de Sais com as mães dos deuses, que o tomaram sob sua proteção, para que êle pudesse destruir tôda a doença” (46).

Em Heliópolis, no templo de Atum e em Sais no templo de Neith, existia, ao lado da escola dos “sábios mágicos” (a Casa da Vida) uma espécie de escola prática de medicina, onde os jovens adquiriam conhecimentos transmitidos pela tradição — que constituia o elemento principal do ensino. Cambises destruiu essas escolas, mas Dario as mandou reconstruir, como consta dêste texto:

“Por ordem de Dario fundei (esta escola) com todos os seus estudantes, filhos de bom nascimento e não de humilde condição, coloquei a sua frente “sábios” de tôda a espécie, para todos os trabalhos. Sua Majestade lhe fêz dar tôdas as espécies de coisas convenientes para fazer êsses trabalhos. Eu os apetrechei de tudo que era útil, de todos os instrumentos segundo os livros, tais como eram antes. Sua Majestade fêz isso, para fazer viver todo o doente e para estabelecer o nome de todo deus em todos os templos” (47).

Êsses médicos eram considerados como protegidos de Thot:

“...que dá a habilidade aos sábios (os mágicos) e aos médicos, seus discípulos, para libertar (da doença) aquêle que Deus deseja manter vivo” (48).

Quanto à atividade dêsses médicos, as inscrições e os baixo-relevos nos mostram muita coisa. Quando Wesh-Ptah, o vizir do faraó Nefekerâ (V dinastia) perdeu súbitamente o sentido na presença do monarca, durante uma visita a uma construção, foram chamados os “padres leitores e os médicos em chefe” que trouxeram um pequeno cofre contendo um rôlo de papiro escrito, mas nenhum socôrro médico foi mais possível. Provavelmente êsse alto funcionário morreu dum ataque apoplético. O faraó pôde apenas ordenar que o mobiliário e a decoração da sua tumba estivessem à altura do seu alto cargo.

(46). — Papiro de Ebers. Apud Moret, op. cit., págs. 523-524; Erman e Ranke, op. cit., pág. 461.

(47). — H. Schaefer, Zeitschrift für aegyptische Sprache und Altertumskunde. Leipzig, t. VIII, pág. 414. Apud Moret, op. cit., pág. 524.

(48). — Papiro de Ebers, I. Apud H.G.S., I, pág. 53.

Mas quando os baixos relevos mostram um “médico do faraó”, nós o vemos ocupado com tarefas que hoje nos parecem estranhas, pois tanto êle é encarregado da apresentação e do abate dos animais destinados aos sacrifícios (seriam veterinários?), como da verificação da sua “pureza”, isto é, se estavam de acôrdo com os requisitos do culto. Às vêzes êsses médicos são representados — entre os carregadores de oferendas — com um casal de gansos nas mãos (seria um símbolo da profissão?). Num baixo relêvo de outro túmulo aparece a representação duma operação cirúrgica, mas curiosamente ela é praticada por um “servidor de Ka” (49).

Na sua qualidade de escribas e sábios os médicos veneravam Thot (fig. 9), o deus da sabedoria e dos hieróglifos; por

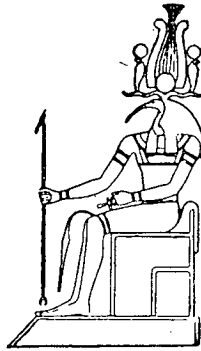


Fig. 8. — O deus Thot. (Apud Adolphe Erman, *L'Égypte des pharaons*. Paris. Payot, 1939, pág. 54).

outro lado êles se colocavam sob a proteção de Sakhmet, a deusa de cabeça de leão (fig. 10), cujo filho, Imhotep, era considerado, no Baixo-Império como o inventor da arte de curar, como já dissemos (50).

Também êsses médicos eram funcionários públicos e assim já existia, pois, no Egito a medicina socializada, coisa que tanto debatem os nossos facultativos. Estavam fortemente hierarquizados, pois se intitulavam “chefes dos médicos”, “médicos chefes”, “médicos inspetores”, “médico chefe do Sul e do Norte”, “médico da côrte” e o decano dos médicos da côrte se chamava “médico inspetor da côrte”.

(49). — Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 460.

(50). — *Ibidem*, pág. 461.



Fig. 9. — A deusa Sekmet. (Apud J. H. Breasted, *Geschichte Aegyptens*. Grosse illustrierte Phaidon-Ausgabe, fig. 109).

Segundo Heródoto (II, 84), Iri era médico da côrte, oculista, especialista de moléstias do estômago, intestino, reto, enfim, um clínico geral. Mas havia especialistas como cirurgiões, dentistas, e a prova disso está nas obras destinadas às diversas especialidades. Havia mesmo seis especialidades principais (51), sendo as mais importantes, pelo número de casos, a afecção dos olhos e as doenças das mulheres.

*

5. — OS CONHECIMENTO MÉDICOS DO EGITO.

Parodiando Alex Carrel, podemos dizer que a expressão: “o homem, êsse desconhecido”, cabia muito bem aos conhecimentos médicos do Egito, apesar da grande perícia com que se entregavam à mumificação. Mas, como já explicamos, havia um imenso respeito pelo corpo humano e, por acreditarem numa vida além-túmulo, não se entregavam a dissecação.

Os egípcios eram vítimas de um grande número de doenças, embora não possamos identificá-las tôdas. As múmias e os papiros nos mostram casos de tuberculose, artério-esclerose, cálculos biliares, bexigas, parálisia infantil, anemia, artrismo, epilepsia, gota, mastoidite, apendicite e outras doenças complicadas como: a espondiomelite deformante e a acondroplasia. Não se notam, entretanto, sinais de câncer e sífilis, pelo menos essas moléstias não foram identificadas (52). Conheciam melhor o organismo humano externamente que internamente, pois não se davam conta do funcionamento de certos órgãos, como os rins, por exemplo (53).

a). — A anatomia, a fisiologia, o coração.

Apesar de suas insuficiências, os médicos egípcios sabiam que o coração era o centro motor do corpo humano, pois diziam que êle falava, batia, pulsava. Entretanto, foi só no III século da nossa éra que um médico grego — Herófilo de Alexandria — teve a idéia de contar as pulsações com o auxílio duma clepsidra; a teoria da circulação sangüínea só foi entrevista 3000 anos depois por Leonardo da Vinci e estabelecida definitivamente por Harvey na primeira metade do século XVII. Eis como os egípcios descreviam o papel do coração no corpo humano:

(51). — Segundo Clemente de Alexandria. Apud H.G.S., I, pág. 53.

(52). — G. Elliot Smith, *The Ancient Egyptians*, pág. 57. Apud Will Durant, *op. cit.*, pág. 192.

(53). — H.G.S., I, pág. 57.

“Comêço do segrêdo do médico: conhecimento da marcha do coração (fisiologia) e conhecimento do coração (anatomia). Há nêles vasos (indo) a todos os membros. Quando qualquer médico ou padre de Sekhmet, ou qualquer mágico coloca seus dedos na testa, na nuca, ou nas mãos ou sôbre o próprio coração, ou sôbre os dois braços ou sôbre as duas pernas, ou em qualquer parte, sente qualquer coisa do coração, porque os vasos dêste vão a todos os membros” (54).

Assim, pois, os médicos egípcios tinham conhecimento dos vasos (**met**), mas havia uma grande discussão entre êles sôbre o seu número: alguns admitiam a existência de 46 e outros de 22 vasos apenas (55). Êsses vasos continham, segundo êles, ar e líquidos: sangue, lágrimas, mucus nasal, urina, etc. Acreditavam que o ar entrava no corpo pela nariz e ia ter ao coração e pulmão, e em seguida, era distribuído pelo organismo. O coração, centro motor, fazia funcionar o corpo humano e êle e os intestinos eram a sede do espírito (56).

b). — **Doenças internas. As vias respiratórias.**

Faziam os médicos grande confusão com o aparelho respiratório, pois chamavam de **sema** todo o conjunto, não distinguindo nêle o pulmão (57).

Para a tosse os papiros aconselhavam 21 remédios diferentes (**Ebers**) ou 18 (**Berlim**). O mel é o ingrediente mais aconselhado (12 vêzes), o creme de leite (9) e o leite (7). Um dêsses remédios é o seguinte:

“Remédio contra a tosse: creme, cominho mergulhado no mel. Fazer o doente tomar durante 4 dias” (58).

Outra receita:

“Leite de vaca, alfarrobas. Colocar num vaso **ré-ménet**, que deverá ser pôsto ao fogo, como se cozinham as favas. Quando estiver cozido, o paciente mastigará essas alfarrobas e as engulirá com o dito leite durante 4 dias” (59).

(54). — Papiro de Ebers, n.º 854. Apud H.G.S., I, pág. 54; Moret, op. cit., pág. 524; Erman e Ranke, op. cit., pág. 462.

(55). — H.G.S., I, pág. 54; Erman e Ranke, op. cit., págs. 462-463.

(56). — H.G.S., I, págs. 54-55.

(57). — Ibidem, I, pág. 55.

(58). — Papiro de Berlin, n.º 31. Apud H.G.S., I, pág. 55.

(59). — Papiro de Ebers, n.º 314. Apud H.G.S., I, pág. 55.

Para resfriados e para desobstruir as vias respiratórias empregava-se inalações de mirra, com um caniço servindo de tubo condutor das emanções (60).

c). — **O aparelho digestivo.**

Era uma das partes da medicina que causava grandes preocupações, devido a pouca variedade dos alimentos e o clima bastante quente em certas partes do Egito. Por isso, os tratados abundam em descrições dos sintomas e na formulação dos medicamentos para a debelação dos males do aparelho digestivo. Existe mesmo uma especial “Instrução para curar os que sofrem do estômago” (61). Eis o diagnóstico relativo a um doente sofrendo do estômago:

“Si tu examinares uma pessoa que tenha uma constipação, a fisionomia pálida (?) e com batidas (?) de coração, e se a encontrares, examinando-a e verificando que tem o coração abrasado e o corpo inchado (?), então é um abcesso (?)... êle comeu coisas escaldantes. Prepare então um medicamento a fim de tirar pela lavagem as coisas escaldantes e limpar os intestinos por meio duma bebida: fazer durante a noite macerar a farinha sêca na cerveja doce, comer e beber (o todo) em quatro dias. Levante... cada dia bem cedo e examine o que saiu do seu anus. Se êsse..., que êle evacuou tem a aparência de caroços negros, dirás: essa inflamação (?) está evacuada... Se, após haver feito isso, tu o examinas, e se sai do seu anus coisas como... favas sôbre as quais há manchas rosadas (?)... então dirás que aquilo que estava em seu estômago foi evacuado” (62).

Outros distúrbios do estômago são acompanhados de sintomas diferentes e exigem, em consequência, tratamento diverso: tal é o caso dos engurgitamentos. O médico observa que ao aplicar os dedos sôbre o estômago êste “vai-e-vem como o azeite num odre”, ou então o caso em que o paciente tem a sensação de que o estômago está “inchando e queimando”. Agora, o problema é escolher qual o diagnóstico apropriado. Aparentemente as fórmulas são muitas, mas na realidade não o são porque as repetições são abundantes (63).

Para as constipações intestinais já se receitava com eficácia o óleo de rícino, o mel e os grãos de junço.

(60). — H.G.S., I, pág. 55.

(61). — *Ibidem*, I, pág. 56.

(62). — *Papiro de Ebers*. Apud Erman e Ranke, *op. cit.*, págs. 463-464.

(63). — Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 465.

Conhecia-se a lombriga e a tênia, e para combatê-las, o médico lançava mão de vermífugos.

As hemorróidas preocupavam muito os velhos e os sintomas (pruridos, calor, dor) eram perfeitamente descritos nos tratados medicinais.

Os remédios para os males do aparelho digestivo eram ministrados sob a forma de bebida, comida, supositórios, tamponagem, lavagens, etc. (64).

Os egípcios, para se manterem em forma, aconselhavam o uso constante do clister. Diodoro Sículo (65) faz referência a esse fato:

“A fim de evitar a doença êles cuidam da saúde do corpo por meio de beberragens, jejuns e eméticos, às vêzes diariamente, às vêzes com intervalos de três ou quatro dias. Dizem que a maior parte do alimento ingerido é supérfluo e que é dêsse supérfluo que a doença se gera”.

Heródoto (66) diz o mesmo que Diodoro Sículo e Plínio-o-Antigo (67) acreditava que o uso do clister foi ensinado ao egípcio pelo ibis, ave que se curava usando o bico como seringa. Por isso mesmo, o egípcio gozava a fama de ser o povo mais sadio da Antigüidade.

Geralmente nos papiros pouco se fala do fígado, o que nos leva a crer que a sua fisiologia não era bem conhecida dos médicos egípcios. Entretanto, a incidência da icterícia era bastante numerosa e para debelá-la preconizava-se o emprêgo de frutas, principalmente de figos (68).

d). — As vias urinárias. Ginecologia.

Ignorava-se a importância dos rins, como já dissemos, mas nos papiros encontramos referências à retenção e à soltura da urina. Para ambos os casos eram receitadas beberragens apropriadas.

Todos os papiros fazem referência à ginecologia e isso é perfeitamente compreensível, levando-se em conta que o casamento no Egito era muito precoce e que a gravidez era coisa extremamente desejada, sendo muitas vêzes repetida. Mas, infelizmente, a higiene era deplorável, ocasionando distúrbios

(64). — H.G.S., I, pág. 57.

(65). — Diodoro, I, XXXII, 1-2.

(66). — Heródoto, II, 77. Apud Moret, op. cit., pág. 527.

(67). — Plínio-o-Antigo, História Natural, VIII. Apud Moret, op. cit., pág. 527.

(68). — H.G.S., I, pág. 57.

muito graves, sem falar dos trabalhos exagerados dos partos (69). Esse domínio da ciência médica era bem extenso no Egito, aliás como em tôda a parte, e ao lado da mãe não devemos nos esquecer do filho. Sabia-se pelo primeiro grito da criança da sua viabilidade: se ela gritasse **ni**, viveria, mas se gritasse **mibi**, era certa a sua morte (70).

Reconhecia-se também o valor do leite materno na alimentação da criança e para obviar os seus gritos sucessivos, usava-se uma mistura de bagas da planta **schefen** e o inevitável excremento de moscas. A planta era eficaz e é ainda usada no Alto Egito: trata-se da famosa papoula (71). Nos papiros encontramos também referências às parteiras, comésticos para embelezar a pele, os cabelos, as mãos, etc. Essa indicação seria impossível de ser evitada num papiro dedicado à medicina da mulher.

Outra coisa interessante é a preocupação constante em se querer conhecer o sexo do nascituro, empregando-se para isso métodos muito curiosos e em uso ainda em alguns lugares do mundo.

e). — A cabeça. O crânio.

Essa era uma das partes mais bem conhecidas do corpo humano e isso se explica fàcilmente, se levarmos em conta a guerra que se fazia continuamente e por serem os ferimentos na cabeça extremamente numerosos.

Procurava-se resolver também as doenças internas da cabeça, como por exemplo as cefaléias, recomendando-se para isso unguentos, fricções, etc.

A calvície que era muito comum — e as múmias e estátuas de Nefertari, Ramsés II e Amenofis III o atestam — causava muita preocupação. Para combatê-la existiam receitas extraordinariamente complicadas, como um unguento preparado com gordura de leão, de hipopótamo, de crocodilo, gato, serpente e bode (72). Uma outra ainda, datando da época da V dinastia: pomada de caroço de tâmara, patas de cão, casco de burro, tudo cozinhado em azeite. Receitas haviam muitas e, como atualmente, completamente ineficazes. Os calvos eram tão abundantes como êles o são hoje em dia (73).

(69). — Erman e Ranke, op. cit., pág. 468.

(70). — *Ibidem*.

(71). — Erman e Ranke, op. cit., pág. 469.

(72). — H.G.S., I, pág. 59; Will Durant, op. cit., I, pág. 193.

(73). — H.G.S., I, pág. 59.

A pelada também era comum e tratada mais pela magia do que pela farmacopéia. O embranquecimento do cabelo preocupava bastante os elegantes e acreditava-se que para curá-lo devia-se usar uma mistura de sangue de boi negro com azeite (74).

A cabeça continha os chamados “7 buracos”: narinas, ouvidos, bôca e olhos. O nariz quebrado era tratado cirurgicamente. Os ouvidos eram muito importantes, pois o “sôpro da vida entrava pelo ouvido direito”, o que não impedia as otites, que muitas vêzes derivavam para uma surdez que não sabiam debelar (75).

Em geral, os médicos acreditavam que bastava um olhar para fazerem um juízo da natureza do mal, mas admitiam que o diagnóstico era indispensável. Sob êsse aspecto eis um texto interessante referente à coluna vertebral:

“Se encontrares uma pessoa que tenha inchaços na nuca e que tenha dores nos dois músculos (?) da nuca, que tenha dores de cabeça, cuja coluna vertebral está tesa, inteiriçada, e que a nuca é pesada e que não pode pousar seu olhar sôbre o seu ventre, nesse caso, diga: êle tem inchaço na nuca. Faça com que êle se unte, e que se pinte de maneira que esteja bem” (76).

f). — A odontologia.

Os dentistas tinham muito trabalho, como se pode verificar perfeitamente nas múmias, onde encontramos sinais evidentes de abscessos alveolares, piorréia, cáries dentárias — que aumentaram muito com a evolução e refinamento da civilização egípcia. Fazia-se obturações com um cimento oriundo de um elemento mineral (77), provavelmente lascas de pedras, terra da Núbia, crisocola ou tincal, tudo pulverizado, triturado e misturado com farinha de espeita, resina e terebinto, mel e água (78). Além das obturações, visíveis nas múmias, encontrou-se numa necrópole dois dentes ligados por um fio de ouro, sendo que um dêles tinha sinais evidentes de piorréia. Os dentes postiços também são encontrados (79).

Discute-se ainda hoje em dia se os egípcios sabiam extrair dentes ou não. Pensamos poder responder afirmativamente,

(74). — *Ibidem*, I, pág. 59.

(75). — *Ibidem*, I, pág. 60.

(76). — Papiro de Ebers. Apud Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 463.

(77). — Will Durant, *op. cit.*, I, pág. 194.

(78). — H. G. S., I, pág. 60.

(79). — Moret, *op. cit.*, pág. 527.

pois os coptas — é verdade que posteriormente ao período que estamos tratando — o sabiam fazer e usavam ferros apropriados e utilizavam como anestésico uma mistura tendo por base o eleboro ou um bálsamo com malabatro (funcho selvagem?) (80).

g). — **A oftalmologia.**

As doenças dos olhos sempre foram um dos mais sérios problemas enfrentados pelo Egito da Antigüidade e ainda o é nos nossos dias. As crianças jamais eram lavadas, ou muito pouco, tinham sempre os olhos purulentos, com um rosto coberto de moscas. Esse é o espetáculo atual e deve ter sido o mesmo na Antigüidade. Por isso mesmo, os médicos oculistas egípcios sempre gozaram da justa fama de serem grandes especialistas nesse assunto.

No **Papiro de Ebers** existe um “Tratado dos olhos”, com uma centena de receitas, que nos dá uma idéia do campo de conhecimentos dos médicos egípcios. Eles conheciam a pupila, a esclerótica, as pálpebras, os cílios e as sombrancelhas, mas ignoravam a estrutura interna do olho: a conjuntiva, a córnea, o cristalino, etc. (81). Como remédios usavam o olibano, a crisocola, farinha de coluquinta, fôlha de acácia, sob a forma de compressas e colírios (82).

O tracoma era endêmica e ainda hoje é conhecida como a “oftalmia do Egito”, tal a sua incidência. Contra esse mal usavam **bilis** de tartaruga, ladano (goma da sestevas) (83) ou ainda galeno, ocre amarelo, terra da Núbia, **natrum** vermelho. As cataratas não eram operadas, curavam-se com magia e encantamentos.

*

6. — **A CIRURGIA.**

O **Papiro Edwin Smith** é o documento que nos serve de base para podermos avaliar os conhecimentos dos cirurgiões egípcios. E’ um tratado de 48 tipos de feridas — algumas superficiais —, lesões ósseas, articulações, etc. As mais comuns são as contusões das vértebras, a luxação do maxilar, a perfura-

(80). — H.G.S., I, págs. 60-61.

(81). — H.G.S., I, pág. 61.

(82). — *Ibidem*, I, pág. 61; Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 468.

(83). — H.G.S., I, pág. 62.

ção do crânio, do externo, fraturas do nariz, do maxilar, clavícula, etc.

Para a fratura do maxilar usava-se um penso com mel e um mineral desconhecido (**imrou** — desinfetante?). Para as feridas recomendava-se tampões com tiras de linho servindo de bandagem, além da competente sutura. Para as fraturas da coluna tinha-se o costume de colocar o paciente imobilizado e com dois pequenos muros de tijolos sob as axilas sendo alimentado por intermédio de um tubo. Assim se curavam essas fraturas, como hoje, pela imobilização (84).

*

7. — A FARMACOPÉIA.

A farmacopéia egípcia é julgada com pouca benevolência, sendo considerada por alguns autores como uma farmacopéia demoníaca ou então como uma farmacopéia baseada em excrementos. De fato, os ingredientes, drogas, perfumes, unguentos, pomadas, poções, cataplasmas, clisteres, supositórios, etc., são bem exóticos, por exemplo: água suja de lavagem de roupa para dores da nuca e dos olhos; excremento de pelicano ou de crocodilo para a cura da catarata (85). Entretanto, se atentarmos bem, verificaremos que a farmacopéia grega pouco variou da egípcia, acrescentando Hipócrates perfumes onde eram usados excrementos.

O **Papiro Ebers** arrola cêrca de 700 drogas que serviam para tudo, desde moderadura de cobra até febre puerperal. O **Papiro de Kahun** prescreve supositórios aparentemente usados para evitar a concepção (86). Esses supositórios continham drogas idênticas às usadas hoje em dia em certos anticonceptivos.

O túmulo duma rainha da XII dinastia continha uma caixa de remédios com vasos, colheres, drogas sêcas, raízes, etc. (87). Isso era considerado um tesouro pessoal, por isso foi sepultado com a sua dona.

As prescrições, como já dissemos, variavam entre a medicina e a magia e se baseavam sobretudo no repulsivo das beberagens. Eram usadas drogas desde sangue de largato até livro velho fervido em azeite, leite de mulher que dera à luz, urina de mulher virgem, etc. (88).

(84). — Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 471.

(85). — H.G.S., I, pág. 68.

(86). — Norman, *Medical History of Contraception*, cap. II, § 1. Apud Will Durant, *op. cit.*, I, pág. 192.

(87). — Will Durant, *op. cit.*, I, pág. 192.

(88). — *Ibidem*.

As receitas estavam de acôrdo com a idade e sexo do paciente e variavam conforme a estação do ano. Um exame atento poderá verificar que em tôdas essas receitas existem sempre certos ingredientes com utilidade certa, como por exemplo o mel, a cerveja, o azeite. Às vêzes bastaria só êsse ingrediente para assegurar a eficácia do medicamento. Os médicos para parecerem diferentes, variavam o número de ingredientes, bastando dizer que um certo cataplasma exigia 37 coisas misturadas (89). Provavelmente ensaiavam remédios; mas faziam citações quando era empregado por um colega célebre:

“E” bem assim, foi empregado por mim, teve resultado” ou “Veja, êste é um remédio provado. Foi encontrado quando da revisão do templo de Ounnofre” (90).

Alguns remédios são recomendados pela sua antigüidade, outros por serem de origem estrangeira,

“descoberto por um semita de Biblos” (91),

com a mesma ênfase com que dizemos ser bom um remédio, por ser de origem americana... ou

“descoberto num livro antigo”.

Os remédios eram considerados como tendo sido inventados pelos deuses, principalmente pelo deus solar Râ (92), daí o seu grande valor terapêutico.

A redação das receitas antigas nada deixa a desejar sob o ponto de vista da clareza e concisão. Há inicialmente um título, indicando o objeto da receita: “meio para tirar o sangue da ferida”, etc., seguido da composição e a indicação das quantidades, como por exemplo:

“Cêra	1
Gordura	1
Vinho de tâmaras (?)	1
Mel	1
Trigo cozido	1”

Enfim, geralmente, encontramos as indicações necessárias para a preparação e o emprêgo do medicamento. Ao mesmo

(89). — Erman e Ranke, op. cit., pág. 466.

(90). — *Ibidem*, pág. 465.

(91). — *Ibidem*, pág. 465.

(92). — *Ibidem*, pág. 465.

tempo observa-se estritamente tôdas as sortes de **nuances**: existem expressões como

“moer, moer finamente, misturar, para cataplasma, fricção, para ungir e aplicar” (93).

Além disso, o medicamento devia chegar ao corpo pelos vasos e podia ser administrado de diversas maneiras, sob a forma de: poção, pílulas, fricções, cataplasmas, inalações, etc. (94).

Alguns desses medicamentos passaram para a farmacopéia grega, como já dissemos. Do formulário grego, principalmente através das obras de Hipócrates e de Dioscórides, foram para a farmacopéia romana e daí chegaram até nós passando pela Idade Média. Sabemos que os boticários medievais empregaram estranhas beberragens concebidas pelos egípcios 4000 anos antes (95).

Os ingredientes oriundos da flora egípcia e das regiões circunvizinhas são bastante numerosos, desde ervas e urzes até casca, fôlhas e raízes de árvores. Entre os principais vegetais citamos: acácia, sicômoro, tamareira, alfarrobeira, zimbro, romeira, figueira, papiro, melão, melancia, colquintida, aipo, cebola, alho, ervilhas, papoula, junça (giesta), cereais (trigo, espeita, centeio, cevada, milhete). Tudo sob a forma de cascas, fôlhas, grãos, frutas, goma, suco, vinho, vinho de palmeida (96). Destacamos o uso do óleo de rícino, que até hoje tem um grande emprêgo tanto na medicina como na indústria. A esse propósito citamos o seguinte trecho do **Papiro Ebers**

Catálogo dos usos da planta do degam (mamona).

Se suas hastes (da planta do **degam**, isto é, da mamona) forem batidas na água e fricionadas sobre uma cabeça que sofre (isto é, sobre a cabeça de alguma pessoa tendo uma doença no crânio), ela logo será curada, como se jamais tivesse estado doente. Se alguns poucos grãos forem mastigados com a cerveja por uma pessoa que se constipou, ela expulsará os excrementos do corpo dessa pessoa.

Os cabelos de uma mulher serão também dispostos a crescer por meio desses grãos. Moa-os, misture-os em uma massa, aplique-os com gordura e deixe a mulher untar sua cabeça com ela.

(93). — *Ibidem*, pág. 465.

(94). — *Ibidem*, pág. 465.

(95). — Erman, *Life in Ancient Egypt*, pág. 360; Maspero, *Dawn of Civilization*, págs. 219-220; Harding (T. Swann), *Fads, Frauds and Physicians*. Apud Will Durant, *op. cit.*, I, pág. 195; Moret, *op. cit.*, pág. 525.

(96). — H.G.S., I, pág. 69.

Um óleo é também preparado com seus grãos, como unguento para as chagas que desenvolveram um mau corrimento. A dor desaparecerá, como se nada houvesse acontecido. Ela deve ser empregada também como um unguento durante dez dias, untando cada manhã até que (o corrimento) seja expellido. Experimentado milhões de vêzes” (97).

Do reino animal foram empregados de maneira mais rara, sob a forma de carne viva, as entranhas de diversos animais (fígado, coração, **bilis**, etc.), assim como pelos, chifres, cascos, patas. Coisas bizarras foram utilizadas como: **bilis** de boi, de tartaruga, cabra, porco; fígado de boi, asno; gordura de leão, crocodilo, hipopótamo, gato, serpente, bode, boi, ganso; sangue de boi, asno, porco, cão, cabra, lagarto; leite de vaca, de mulher; mel, cêrca, etc., etc. (98).

Do reino mineral utilizavam os boticários egípcios: arsênico, cobre, alabastro, petróleo, silex moído, crisocola ou colírio verde (silicato de cobre hidratado), e galena ou colírio negro (sulfato de chumbo), sal, salitre, pedra menfita (**aner sopdou**). Tudo sob a forma de pó moído de maneira mais ou menos fina (99).

O combate aos insetos indesejáveis não foi esquecido. Para expulsar as pulgas regava-se a casa com uma solução de **natrum** (soda natural) ou espalhava-se copiosamente a planta **bebet** triturada e misturada com carvão de madeira.

Contra a picada da mosca usava-se a gordura de ganso. Um peixe sêco, ou um pedaço de **natrum**, em frente da toca duma serpente era muito eficaz.

Contra os ratos applicava-se gordura de gato, mas o melhor remédio era mesmo o excremento de gazela no fogo para se fazer fumigação (100).

* *

*

III. — CONCLUSÕES.

Qual o valor dessas receitas? Qual o valor dessa medicina? Por pouca valia que tivessem, evidentemente eram melhores que as práticas mágicas e encantamentos também usados. Dessa imensa farmacopéia nilótica, alguma coisa ficou até os nossos

(97). — Apud Brunet e Mieli, *op. cit.*, págs. 62-63; Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 465.

(98). — H.G.S., I, pág. 69; Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 466.

(99). — H.G.S., I, pág. 69.

(100). — Erman e Ranke, *op. cit.*, pág. 469.

dias e os nossos boticários identificam muitas drogas existentes nesse formulário, com outras que manipulam ainda hoje. A título de exemplo citamos o óleo de rícino que teve tão grande voga na primeira metade d'êste século XX.

O sangue e os excrementos foram empregados na Europa durante tôda a Idade Média e mesmo nos tempos modernos, pelo menos até o século XVIII foi usada a “salutar farmácia excremental”. Os coptas e chineses usaram até aos nossos dias uma farmacopéia onde êsses ingredientes entravam abundantemente. Perguntamos agora, a vitama A não estaria representada nesses ingredientes sangüíneos?

Mais de trinta séculos se passaram e não podemos esconder a nossa admiração pela engenhosidade, bom senso e método utilizados por êsses médicos, cirurgiões, dentistas e boticários. Nunca devemos nos esquecer que essa preparação farmacêutica levou pouco a pouco às manipulações de laboratório e aqui entramos num domínio tipicamente egípcio, pois parece que a palavra **química** deriva de **kemi** (terra negra, Egito) (101).

Drogas, perfumes, unguentos eram fabricados nos laboratórios dos templos para as necessidades do culto (fumigações, purificações, unções de estátuas, etc.). Êsses produtos, e outros, pouco a pouco caíram no domínio público e começaram a ser fabricados quase que em escala industrial, pelo menos duma indústria artesanal, como foi usual na Antigüidade e na Idade Média. Deve ter-se dado aí o mesmo fenômeno da divulgação do segredo da imortalidade, desvendado ao público depois da grande revolução social que pôs fim ao Antigo Império. Algumas das drogas utilizadas na mumificação passaram também para o uso comum.

Mas é extraordinário o fato de muitas dessas receitas continuarem ainda em uso pelos habitantes do atual Egito. Milênios se passaram e o Vale do Nilo atravessou em diversas ocasiões desordens terríveis, mudou de língua uma vez e duas de religião, mas o povo jamais perdeu a lembrança da antiga grandeza da civilização egípcia — inclusive a medicina — o que explica serem considerados o excremento de cão e a espinha do peixe ainda hoje excelentes remédios. O antigo egípcio costumava a usar em tôdas as espécies de feitiços a cabeça cortada e as asas dum escaravelho, cozinhando-as no azeite e aplican-

(101). — “Química — do egípcio kemi ou kimi, copta kemi, negro, que era a designação da terra do Egito; daí o árabe kimiya, pedra filosofal, donde alquimia e mais tarde arte química (Lokotsch)”. Apud Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1932, pág. 667.

do-o em si próprio. Hoje em dia, ainda para certas doenças, fazem o mesmo com um **tenebrion** (coleoptero). As mesmas práticas usadas milenarmente para se saber se uma mulher estava grávida continua em vigor no Egito. A receita passou para Hipócrates e depois difundiu-se pela Europa e permaneceu vivaz até o século XVII.

Minerais foram pesquisados, sua transformação foi estudada. Graças a Dioscórides, Hipócrates, Plínio-o-Antigo e os alquimistas alexandrinos e árabes, essa ciência egípcia não ficou perdida, alimentou os laboratórios secretos da Idade Média na sua afanosa busca da “pedra filosofal”, de onde, sem dúvida alguma, deriva a nossa moderna Química.

E. SIMÕES DE PAULA

Professor da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.